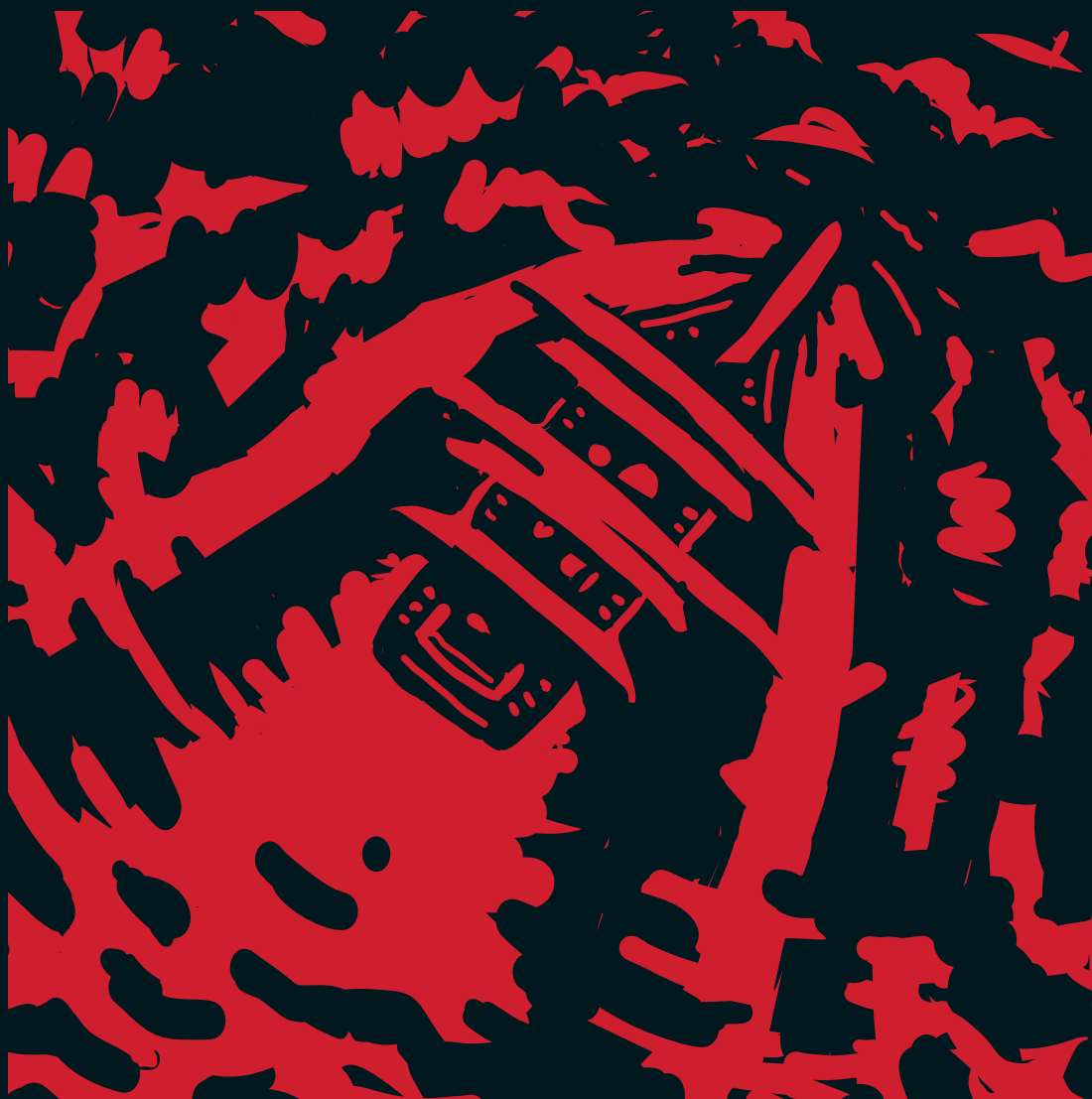


CASTRO ALVES



Apresentação e organização ITALO MESQUITA

O NAVIO NEGREIRO E OUTROS POEMAS

0000

CASTRO ALVES

**O NAVIO
NEGREIRO
E OUTROS POEMAS**

Apresentação e organização ITALO MESQUITA



Copyright © *O navio negreiro e outros poemas*
Copyright © Dodô Editorial, 2025.
Título original: *O navio negreiro*
Texto base: disponibilizado pela Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro / Escola do Futuro da Universidade de São Paulo por meio do site dominiopublico.gov.br.
Os erros tipográficos evidentes foram corrigidos.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.
Todos os direitos reservados.

Direção Geral e de Negócios Anderson Silva
Edição, apresentação e organização Italo Mesquita
Assistentes Editoriais Fernanda Caires de Moraes e Fernanda Costa
Revisão Thaissa Araujo
Projeto Gráfico e Diagramação Franz Demian
Ilustração de capa Enrico Esposito Marchi
Gerente Administrativo de Negócios Renato Munhoz
Analista Técnico Caio dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Castro, 1847-1871
O navio negreiro e outros poemas / Castro Alves. -- 2. ed. --
São Paulo : Dodô Editorial, 2025.
112 p.
ISBN 978-65-984833-7-1

1. Literatura brasileira I. Título

25-1109

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira

2ª edição, 2025



Todos os direitos desta edição reservados à
Franz Demian Editora e Tecnologia Ltda.
Travessa Manuel Evaristo, 449 | Sala 749
Umarizal - Belém /Pa
CEP: 66050-290
franzdemian.com.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
O NAVIO NEGREIRO (TRAGÉDIA NO MAR)	8
O SÉCULO	19
AO ROMPER D'ALVA	25
A VISÃO DOS MORTOS	29
A CANÇÃO DO AFRICANO	32
CONFIDÊNCIA	35
O SOL E O POVO	40
TRAGÉDIA NO LAR	41
O SIBARITA ROMANO	51
A CRIANÇA	54
A CRUZ DA ESTRADA	56
BANDIDO NEGRO	58
ANTÍTESE	62
CANÇÃO DO VIOLEIRO	64
SÚPLICA	66
O VIDENTE	68
A MÃE DO CATIVO	73
FÁBULA — O PÁSSARO E A FLOR	76
ESTROFES DO SOLITÁRIO	80
PROMETEU	83
VOZES D'ÁFRICA	85
SAUDAÇÃO A PALMARES	91
SOBRE O AUTOR	94
<i>O NAVIO NEGREIRO E OUTROS POEMAS</i>	101

APRESENTAÇÃO

Esta edição reúne o poema “O navio negreiro” e uma seleção de textos da coletânea *Os escravos*, ambos de autoria de Castro Alves. A obra foi organizada com o intuito de preservar as principais características estilísticas do autor e facilitar o acesso a temas centrais, como escravidão, resistência e justiça social.

O navio negreiro e outros poemas se propõe a apresentar aos leitores contemporâneos o papel fundamental que a poesia de Castro Alves teve na luta abolicionista e a destacar a importância do poeta na memória histórica sobre a escravidão no Brasil.

4

Além de delatar a violência do sistema escravista, os poemas desta edição também evidenciam a resistência e a humanidade dos indivíduos escravizados, seus sentimentos, suas lutas e suas aspirações. Dessa forma, a poesia de Castro Alves retrata a escravidão não apenas como um regime socioeconômico, mas também como um fenômeno que deixou marcas profundas na sociedade brasileira e, sobretudo, nas pessoas.

Assim, esta obra visa a promover e enriquecer reflexões sobre memória, identidade e luta. Em obras como as deste livro, carregadas de potência crítica, humana e lírica, a literatura se reafirma como um espaço de resistência e diálogo, possibilitando que diferentes

gerações de leitores ponderem a importância da construção de uma história crítica e plural.

DENÚNCIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

“O navio negreiro” tornou-se singular pelo contexto em que foi publicado enquanto questionava a crueldade e a hipocrisia que sustentavam a escravidão. Analisando o poema com o olhar que se usa para enxergar o mundo atualmente, vê-se nítido como o passado escravocrata ainda reverbera nas desigualdades raciais do Brasil.

Para além desse poema, esta obra, enquanto ferramenta didática, permite ampliar o espaço para conhecer e debater as vozes e experiências da população negra. Ao abordar a violência e a desumanização impostas aos escravizados, espera-se que os leitores desenvolvam, enquanto habilidade essencial, a consciência crítica — a mesma que fundamenta a Lei 10.639/2003, responsável por tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Além disso, o trabalho em sala de aula com a obra *O navio negreiro e outros poemas* pode ser uma oportunidade para enriquecer o repertório sociocultural dos estudantes apresentando escritores e escritoras negros e obras que representam a vivência afro-brasileira, como os textos de Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Lélia Gonzalez.

Por fim, esta edição é também um lembrete de como textos clássicos transcendem seu tempo e podem seguir ensinando e inspirando novas leituras e interpretações, enriquecendo debates fundamentais sobre temas como cidadania, respeito e direitos humanos. Espera-se que *O navio negreiro e outros poemas* proporcione experiências que permitam refletir sobre o passado e pensar um futuro mais justo e igualitário.

Italo Mesquita

**O NAVIO NEGREIRO
E OUTROS POEMAS**

O NAVIO NEGREIRO (TRAGÉDIA NO MAR)

I

‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro.
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

8

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

‘Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? Onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam,

Galopam, voam, mas não deixam traço.
Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! Que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai!... Esperai!... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! Quem me dera acompanhar a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! Águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço,
Albatroz! Albatroz! Dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! Que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,

Junto às lavas do vulcão!
O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano

Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus!
Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

12

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! Noite! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga opressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,

Sem luz, sem ar, sem razão...
São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a *caravana*,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...

E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! Quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na *cadeia*,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar..
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder..
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer..
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte

Ao som do açoute... Irrisão!...
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! Noites! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança.

Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

O SÉCULO

*Soldados, do alto daquelas pirâmides
quarenta séculos vos contemplam!*

Napoleão

O século é grande e forte.

V. Hugo

Da mortalha de seus bravos

Fez bandeira a tirania

Oh! Armas talvez o povo

De seus ossos faça um dia.

J. Bonifácio

O século é grande... No espaço

Há um drama de treva e luz.

Como Cristo a liberdade

Sangra no poste da Cruz.

Um corvo escuro, anegrado

Obumbra o manto azulado,

Das asas d'águia dos céus...

Arquejam peitos e fronte...

Nos lábios dos horizontes

Há um riso de luz... É Deus.

Às vezes quebra o silêncio

Ronco estrídulo feroz.

Será o rugir das matas,

Ou da plebe a imensa voz?...

Treme a terra hirta e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
Ou do povo o braço ousado
Que, sob montes calcado
Abala-os como um Titã?!...

Ante esse escuro problema
Há muito irônico rir.
P'ra nós o vento da esp'rança
Traz o pólen do porvir.
E enquanto o cepticismo
Mergulha os olhos no abismo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os nevoeiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o sol que irrompe além.

Toda noite — tem auroras,
Raios — toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.
Gemer — é esperar um canto...
Chorar — aguardar que o pranto
Faça-se estrela nos céus.
O mundo é o nauta nas vagas...
Terá do oceano as plagas
Se existem justiça e Deus.

Entanto inda há muita noite
No mapa da criação.
Sangra o abutre dos tiranos
Muito cadáver — nação.
Desce a Polônia esvaída,
Cataléptica, adormida,
À tumba do Sobieski;
Inda em sonhos busca a espada...
Os reis passam sem ver nada...
E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sobre o peito
O pesadelo dos reis;
A Grécia espera chorando
Canaris, Byron talvez!
Napoleão amordaça
A boca da populaça
E olha Jersey com terror,
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar um momento
O Vesúvio aterrador.

A Hungria é como um cadáver
Ao relento exposto nu;
Nem sequer a abriga a sombra
Do foragido Kossuth.
Aqui — o México ardente,

— Vasto filho independente
Da liberdade e do sol —
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: “Espera o arrebol!”

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracos,
Traz a desgraça valor!
Lutai... Há uma lei sublime
Que diz: “à sombra do crime
Há de a vingança marchar.”
Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
Que brada aos moços “de pé”!
É o sol das liberdades
Que espera por Josué.
São bocas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da *abolição*.
É — à voz dos libertadores
Répteis saltam condores,
A topetar n’amplidão!...

E vós, arcas do futuro,
Crisálidas do porvir,
Quando vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,
Porém não que esmague o povo,
Mas lhe seja o pedestal.
Que ao menino dê-se a escola,
Ao veterano — uma esmola...
A todos — luz e fanal.

Luz!... sim; que a criança é uma ave,
Cujo porvir tendes vós;
No sol é uma águia arrojada,
Na sombra — um mocho feroz.
Libertai tribunas, prelos...
São fracos, mesquinhos eles...
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele uma cruz!
A púrpura sirva ao povo
P'ra cobrir os ombros nus.
Ao grito do Niagara

Sem escravos, Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis!
Banhem-se em luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulos
Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! Marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da História,
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séculos mil!

AO ROMPER D'ALVA

*Página feia, que ao futuro narra
Dos homens de hoje a lassidão, a história
Com o pranto escrita, com suor selada
Dos párias misérrimos do mundo!...
Página feia, que eu não possa ativo
Romper, pisar-te, recalcar, punir-te...
Calasans*

Sigo só caminhando serra acima,
E meu cavalo a galopar se anima
Aos bafos da manhã.
A alvorada se eleva do levante,
E, ao mirar na lagoa seu semblante,
Julga ver sua irmã.

As estrelas fugindo — aos nenúfares
Mandam rútilas pérolas dos ares
De um desfeito colar.
No horizonte desvendam-se as colinas,
Sacode o véu de sonhos de neblinas
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio.
A barba branca da cascata o rio
Faz orando tremer.

No descampado o cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés do Onipotente
Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso
Da epopeia gigante do universo,
Da imensa criação.
Com tuas matas, ciclopes de verdura,
Onde o jaguar, que passa na espessura,
Roja as folhas no chão;

Como és bela, soberba, livre, ousada!
Em tuas cordilheiras assentada
A liberdade está.

26

A púrpura da bruma a ventania
Rasga, espedaça o cetro que s'erguia
Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
A lânguida cantiga com que espanta
A saudade, a aflição.
Solto o ponche, o cigarro fumegando
Lembra a serrana bela, que chorando
Deixou lá no sertão.

Livre como o tufão corre o vaqueiro
Pelos morros e várzea e tabuleiro
Do intrincado cipó.

Que importa'os dedos da jurema aduncos?
A anta, ao vê-los, oculta-se nos juncos,
Voa a nuvem de pó.

Dentre a flor amarela das encostas
Mostra a testa luzida, as largas costas
No rio o jacaré.
Catadupas sem freios, vastas, grandes,
Sois a palavra livre desses Andes
Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria
Erguer-se neste século, à luz do dia.
Sem pejo se ostentar.
E a escravidão — nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo —
Vir aqui se abrigar!

Oh! Deus! Não ouves dentre a imensa orquestra
Que a natureza virgem manda em festa
Soberba, senhoril,
Um grito que soluça aflito, vivo,
O retinir dos ferros do cativo,
Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela
Onde traçaste a criação mais bela
De tua inspiração.

O sol de tua glória foi toldado...
Teu poema da América manchado,
Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —
Toldam teus rios — lúbricos Eufrates —
Dos servos de Sião.
E as palmeiras se torcem torturadas,
Quando escutam dos morros nas quebradas
O grito de aflição.

Oh! Ver não posso este labéu maldito!
Quando dos livres ouvirei o grito?
Sim... talvez amanhã.

Galopa, meu cavalo, serra acima!
Arranca-me a este solo. Eia! Te anima
Aos bafos da manhã!

A VISÃO DOS MORTOS

*On rapporte encore qu'un berger ayant
été introduit une fois par un nain dans le
Hyffhouse, l'empereur (Barberousse) se leva et
lui demanda
si les corbeaux volaient encore autour de la montagne.
Et, sur la réponse affirmative du berger,
il s'écria en soupirant:
"Il faut donc que je dors encore pendant cent ans!"
H. Heine (Allemagne)*

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envolta n'um sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cúpula imensa d'um sepulcro enorme, —
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Saara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a fronte,
Louco poeta, como fora o Tasso.
Do Sul, do Norte... do Oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.

Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.
O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrelas.
E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão.
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

30

A estátua range. Estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça.
O povo grita: Independência ou Morte!
Vendo soberbo o Imperador, que passa.
Duas coroas seu cavalo pisa,
Mas duas cartas ele traz na mão.
Por guarda de honra tem dois povos livres,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Então, no meio de um silêncio lúgubre,
Solta este grito a legião da morte:
“Aonde a terra que talhamos livre,
Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo, que nodoa o chão.
Anchietas, Gracos, vós dormis na orgia,

Da lua pálida ao fatal clarão.
“Brutus renega a tribunícia toga,
O apóstolo cospe no Evangelho Santo,
E o Cristo-Povo, no Calvário erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto.
Nos ninhos d’águias que nos restam? — Corvos.
Que vendo a pátria se estorcer no chão,
Passam, repassam, como alados crimes,
Da lua pálida ao fatal clarão.

“Oh! É preciso inda esperar cem anos...
Cem anos...” brada a legião da morte.
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
Sacode o grito soluçando, — o norte.
Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão.
Erguem-se as névoas como pó do espaço
Da lua pálida ao fatal clarão.

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar.
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez p'ra não o escutar!

Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a *papa-ceia*!

“Aqueelas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar.

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro”.

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
P’ra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

CONFIDÊNCIA

Maldição sobre vós, doutores da lei!
Maldição sobre vós, hipócritas!
Assemelhais-vos aos sepulcros brancos por fora;
o exterior parece formoso,
mas o interior está cheio de ossos e podridão.
Evangelho II, S. Matheus, cap. XXII

Quando, Maria, vês de minha fronte
Negra ideia voando no horizonte,
 As asas desdobrar,
Triste segues então meu pensamento,
Como fita o barqueiro de Sorrento
 As nuvens ao luar.

E tu me dizes, pálida inocente,
Derramando uma lágrima tremente,
 Como orvalho de dor:
“Por que sofres? A selva tem odores,
“O céu tem astros, os vergéis têm flores,
 “Nossas almas o amor”.

Ai! Tu vês nos teus sonhos de criança
A ave de amor que o ramo da esperança
 Traz no bico a voar;

E eu vejo um negro abutre que esvoaça,
Que co'as garras a púrpura espedaça
Do manto popular.

Tu vês na onda a flor azul dos campos,
Donde os astros — errantes pirilampos,
Se elevam para os céus;
Eu vejo a noite borbulhar das vagas
E a consciência é quem me aponta as plagas
Voltada para Deus.

Tua alma é como as veigas sorrentinas,
Onde passam gemendo as cavatinas
Cantadas ao luar.

36 A minha — eco do grito, que soluça,
Grito de toda dor, que se debruça
Do lábio a soluçar.

É que eu escuto o sussurrar de ideias,
O marulho talvez das epopeias,
Em torno aos mausoléus,
E me curvo no túmulo das idades
— Crânios de pedra, cheios de verdades
E da sombra de Deus.

E nessas horas julgo que o passado
Dos túmulos a meio levantado
Me diz na solidão:

“Que és tu, poeta? A lâmpada da orgia,
“Ou a estrela de luz, que os povos guia
“À nova redenção?”

Ó Maria, mal sabes o fadário
Que o moço bardo arrasta solitário
Na impotência da dor.
Quando vê que debalde à liberdade
Abriu sua alma — urna da verdade
Da esperança e do amor!...

Quando vê que uma lúgubre coorte
Contra a estátua (sagrada pela morte)
Do grande imperador,
Hipócrita amotina a população,
Que morde o bronze, como um cão de caça
No seu louco furor!...

Sem poder esmagar a iniquidade,
Que tem na boca sempre a liberdade,
Nada no coração;
Que ri da dor cruel de mil escravos,
— Hiena, que do túmulo dos bravos,
Morde a reputação!...

Sim...Quando vejo, ó Deus, que o sacerdote
As espáduas fustiga com o chicote
Ao cativo infeliz;

Que o *pescador das almas* já se esquece
Das santas pescarias e adormece
Junto da meretriz...

Que o apóstolo, o símplice romeiro,
Sem bolsa, sem sandálias, nem dinheiro,
Pobre, como Jesus
Que mendigava outr'ora à caridade,
Pagando o pão com o pão da eternidade,
Pagando o amor com a luz,

Agora adota a escravidão por filha,
Amolando nas páginas da Bíblia
O cutelo do algoz...

38

Sinto não ter um raio em cada verso
Para escrever na fronte do perverso:
“Maldição sobre vós!”

Maldição sobre vós, tribuno falso!
Rei, que julgais que o negro cada falso
É dos tronos o irmão!
Bardo que a lira prostituís na orgia
— Eunuco incensador da tirania —
Sobre ti maldição!

Maldição sobre ti, rico devasso,
Que da música, ao lânguido compasso,
Embriagado não vês

A criança faminta, que na rua
Abraça u'a mulher pálida e nua,
Tua amante talvez!...

Maldição?!... Mas que importa?... Ela espedaça
Acaso a flor olente que se enlaça
Nas c'roas festivos?
Nodoa a veste rica ao sibarita?
Que importam cantos, se é mais alta a grita
Das ricas bacanais?

Oh! Por isso, Maria, vês, me curvo
Na face do presente escuro e turvo
E interrogo o porvir;
Ou levantando a voz por sobre os montes,
“Liberdade”, pergunto aos horizontes,
“Quando enfim hás de vir?”

Por isso, quando vês as noites belas,
Onde voa a poeira das estrelas
E das constelações,
Eu fito o abismo que a meus pés fermenta,
E onde, como santelmos da tormenta,
Fulgem revoluções!

O SOL E O POVO

Le peuple a sa colère et le volcan sa lave.

V. Hugo

Ya desatado

El horrendo huracán silba contigo

¿Qué muralla, qué abrigo

Bastaran contra ti?

Quintana

O sol, do espaço Briareu gigante,
P'ra escalar a montanha do infinito,
Banha em sangue as campinas do levante.

40

Então em meio dos Saaras — o Egito
Humilde curva a fronte e um grito errante,
Vai despertar a Esfinge de granito.

O povo é como o sol! Da treva escura
Rompe um dia co'a destra iluminada,
Como o Lázaro, estala a sepultura!...

Oh! Temei-vos da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura,
Que vinga a campa à geração passada.

TRAGÉDIA NO LAR

Na senzala, úmida, estreita,
Brilha a chama da candeia,
No sapé se esgueira o vento
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repassada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do *telhado*
Ruge o vento do sertão.

Se o canto para um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continua a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.
Ai! Triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão caindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãozinhas brilhantes
Agitas como diamantes

Os prantos do seu penar.
E voz como um soluço lacerante
Continua a cantar:

“Eu sou como a garça triste
Que mora à beira do rio,
As orvalhadas da noite
Me fazem tremer de frio.

Me fazem tremer de frio
Como os juncos da lagoa;
Feliz da araponga errante

42

Que é livre, que livre voa.
Que é livre, que livre voa
Para as bandas do seu ninho,
E nas braúnas à tarde
Canta longe do caminho.

Canta longe do caminho.
Por onde o vaqueiro trilha,
Se quer descansar as asas,
Tem a palmeira, a baunilha.

Tem a palmeira, a baunilha,
Tem o brejo, a lavadeira,
Tem as campinas, as flores,

Tem a relva, a trepadeira,
Tem a relva, a trepadeira,
Todas têm os seus amores,
Eu não tenho mãe nem filhos,
Nem irmão, nem lar, nem flores.”

A cantiga cessou... Vinha da estrada
A trote largo, linda cavalhada
De estranho viajor,
Na porta da *fazenda* eles paravam,
Das mulas boleadas apeavam
E batiam na porta do *senhor*.

Figuras pelo sol tismadas, lúbricas,
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O *rebenque* prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da *fazenda* foi aberta;
Entraram no salão.

Por que tremes mulher? A noite é calma,
Um bulício remoto agita a palma
Do vasto coqueiral.

Tem pérolas o rio, a noite lumes,
A mata sombras, o sertão perfumes,
Murmúrio o bananal.

Por que tremes, mulher? Que estranho crime,
Que remorso cruel assim te oprime
E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido ocultas?
É um roubo talvez que aí sepultas?
É seu filho. Infeliz!

44 Ser mãe é um crime, ter um filho — roubo!
Amá-lo uma loucura! Alma de lodo,
Para ti — não há luz.
Tens a noite no corpo, a noite na alma,
Pedra que a humanidade pisa calma,
— Cristo que verga à cruz!

Na hipérbole do ousado cataclisma
Um dia Deus morreu. Fuzila um prisma
Do Calvário ao Tabor!
Viu-se então de Palmira os pétreos ossos,
De Babel o cadáver de destroços
Mais lívidos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
 Ou sarça do Sinai,
— Relâmpagos que ferem de desmaios...
Revoluções, vós deles sois os raios,
 Escravos, esperai!...

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas... cuidado...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
Às vezes a própria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquestra.
Por que despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmero?
E o coração — tredo lodo,

Fezes d'ânfora dourada
Negra serpe, que enraivada,
Morde a cauda, morde o dorso,
E sangra às vezes piedade,
E sangra às vezes remorso?...

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! Senhores, não mancheis.
Os pés lá pisam em lama,
Porém as fronteiras são puras
Mas vós nas faces impuras
Tendes lodo, e pus nos pés.

46

Porém vós, que no lixo do oceano
A pérola de luz ides buscar,
Mergulhadores deste pego insano
Da sociedade, deste tredo mar,
Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometeus,
Ai! Vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoléus.

— Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, ide-lo ver:

É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer.

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote...

A mãe que ouvia
Imóvel, pasma, doida, sem razão!
À Virgem Santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.

— Dá-me teu filho! Repetiu fremente
O senhor, de sobr'olho carregado.
— Impossível!
— Que dizes, miserável?!
— Perdão, senhor! Perdão! Meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer pressente
Que ides...
— Sim, que o vou vender!
— Vender?!... Vender meu filho?!

Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!
Por piedade, matai-me! É impossível

Que me roubem da vida o único bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar?... Também
Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?
 Se alguém quisesse os vender
 Havíeis muito chorar
 Havíeis muito gemer,
 Diríeis a rir — Perdão?!
 Deixai meu filho. Arrancai-me
 Antes a alma e o coração!

— Cala-te miserável! Meus senhores,
 O escravo podeis ver...

48 E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.

— Senhores! Basta a desgraça
De não ter pátria nem lar,
De ter honra e ser vendida,
De ter alma e nunca amar!

Deixai à noite que chora
Que espere ao menos a aurora,
Ao ramo seco uma flor,
Deixai o pássaro ao ninho,
Deixai à mãe o filhinho,

Deixai à desgraça o amor.
Meu filho é-me a sombra amiga
Neste deserto cruel...
Flor de inocência e candura,
Favo de amor e de mel!

Seu riso é minha alvorada,
Sua lágrima dourada
Minha estrela, minha luz!
É da vida o único brilho...
Meu filho! É mais... é meu filho...
Deixai-mo em nome da Cruz!...

Porém nada comove homens de pedra,
Sepulcros onde é morto o coração.
A criança do berço ei-los arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a cena. Já vistes
Bramir na mata o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido,
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De vítima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrível, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ela recuou.

Nem mais um passo, covardes!
Nem mais um passo! Ladrões!
Se os outros roubam as bolsas,
Vós roubais os corações!...

Entram três negros possantes,
Brilham punhais traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorções.

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes — uma doida respondia
Com frio gargalhar!...

O SIBARITA ROMANO

*Este olhar, estes lábios, estas rugas exprimem
uma sede impaciente e impossível de saciar.
Quer e não pode. Sente o desejo e a impaciência.*

Lavater

Escravo, dá-me a c'roa de amaranto
Que mandou-me inda há pouco Afra impudente.
Orna-me a fronte... Enrola-me os cabelos,
Quero o mole perfume do Oriente.

Lança nas chamas dessa etrusca pira
O nardo trescalante de Medina.
Vem. Desenrola aos pés do meu triclinio
As felpas de uma colcha bizantina.

Oh! Tenho tédio... Embalde, ao pôr da tarde,
Pelas nereidas louras embalado,
Vogo em minha galera ao som das harpas,
Da cortesã nos seios recostado.

Debalde, em meu palácio altivo, imenso,
De mosaicos brilhantes embutido,
Nuas, volvem as filhas do Oriente
No morno banho em termas de pórfiro.

Só amo o circo... a dor, gritos e flores,
A pantera, o leão de hirsuta coma;
Onde o banho de sangue do universo
Rejuvenesce a púrpura de Roma.

E o povo rei — na vítima do mundo
Palpa as entranhas que inda sangue escorrem,
E ergue-se o grito extremo dos cativos:
— Ave, Cesar! Saúdam-te os que morrem!

Escravo, quero um canto... Vibra a lira,
De Orfeu desperta a fibra dolorida,
Canta a volúpia das bacantes nuas,
Fere o hino de amor que inflama a vida.

52

Doce, como do Himeto o mel dourado,
Puro como o perfume... Escravo insano!
Teu canto é o grito rouco das Eumênides,
Sombrio como um verso de Lucano.

Quero a ode de amor que o vento canta
Do Palatino aos flóreos arvoredos.
Quero os cantos de Nero... Escravo infame,
Quebra as cordas nos convulsos dedos!

Deixa esta lira! Como o tempo é longo!
Insano! Insano! Que tormento sinto!

Traze o louro falerno transparente
Na mais custosa taça de Corinto.

Pesa-me a vida!... Está deserto o Fórum!
E o tédio!... O tédio!... Que infernal ideia!
Dá-me a taça, e do ergástulo das servas
Tua irmã trar-me-ás, — a grega Haideia!

Quero em seu seio... Escravo desgraçado,
A este nome tremeu-te o braço exangue?
Vê... Manchaste-me a toga com o falerno,
Irás manchar o Coliseu com o sangue!

A CRIANÇA

— *Que veux-tu, fleur, beau fruit, ou
l'oiseau merveilleux?*

— *Ami — dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus
Je veux de la poudre et des balles.*

Victor Hugo, Les Orientales

Que tens criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

54

É triste ver uma alvorada em sombra,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência,
Quero ver-te brilhar.
Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não pudeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver.

O riso — a estrela no horizonte da alma.
Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis.

E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir... pobre criança!...
Que queres, infeliz?...
— Amigo, eu quero o ferro da vingança.

A CRUZ DA ESTRADA

Invideo quia quiescunt.

Luthero em Worms

Tu que passas, descobre-te. Ali dorme

O forte que morreu.

A. Herculano (Trad.)

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

56

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! Do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

BANDIDO NEGRO

*Corre, corre, sangue do cativo
Cai, cai, orvalho de sangue
Germina, cresce, colheita vingadora
A ti, segador a ti. Está madura.
Aguça tua foice, aguça, aguça tua foice.
E. SUE — Canto dos filhos de Agar*

Trema a terra de susto aterrada...
Minha égua veloz, desgrenhada,
Negra, escura nas lapas voou.
Trema o céu... ó ruína! Ó desgraça!
Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Dorme o raio na negra tormenta...
Somos negros. O raio fermenta
Nesses peitos cobertos de horror.
Lança o grito da livre coorte,
Lança, ó vento, pampeiro de morte,
Este guante de ferro ao senhor.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Eia! Ó raça que nunca te assombras!
P'ra o guerreiro uma tenda de sombras
Arma a noite na vasta amplidão.
Sus! Pulula dos quatro horizontes,
Sai da vasta cratera dos montes,
Donde salta o condor, o vulcão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

E o senhor que na festa descanta
Pare o braço que a taça alevanta,
Coroadada de flores azuis.
E murmure, julgando-se em sonhos:
“Que demônios são estes medonhos,
Que lá passam famintos e nus?”

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
P'ra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este — irmão da mulher que manchaste...
Oh! Não tremas, senhor, são teus cães.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São teus cães, que têm frio e têm fome,
Que há dez séc'los a sede consome...
Quero um vasto banquete feroz...
Venha o manto que os ombros nos cubra.
Para vós fez-se a púrpura rubra,
Fez-se a manto de sangue p'ra nós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Meus leões africanos, alerta!
Vela a noite... a campina é deserta.
Quando a lua esconder seu clarão

Seja o *bramo* da vida arrancado
No banquete da morte lançado
Junto ao corvo, seu lúgubre irmão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz

ANTÍTESE

*O seu prêmio? — O desprezo e uma carta
de alforria quando tens gastas as forças e não
pode mais ganhar a subsistência.*

Maciel Pinheiro

Cintila a festa nas salas!
Das serpentinas de prata
Jorram luzes em cascata
Sobre sedas e rubins.
Soa a orquestra... Como silfos
Na valsa os pares perpassam,
Sobre as flores, que se enlaçam
Dos tapetes nos coxins.

E
ntanto a névoa da noite
No átrio, na vasta rua,
Como um sudário flutua
Nos ombros da solidão.
E as ventanias errantes,
Pelos ermos perpassando,
Vão se ocultar soluçando
Nos antros da escuridão.

Tudo é deserto... somente
À praça em meio se agita

Dúbia forma que palpita,
Se estorce em rouco estertor.
— Espécie de cão sem dono
Desprezado na agonia,
Larva da noite sombria,
Mescla de trevas e horror.

É ele o escravo maldito,
O velho desamparado,
Bem como o cedro lascado,
Bem como o cedro no chão.
Tem por leito de agonias
As lájeas do pavimento,
E como único lamento
Passa rugindo o tufão.

Chorai, orvalhos da noite,
Soluçai, ventos errantes.
Astros da noite brilhantes
Sede os círios do infeliz!
Que o cadáver insepulto,
Nas praças abandonado,
É um verbo de luz, um brado
Que a liberdade prediz.

CANÇÃO DO VIOLEIRO

Passa, ó vento das campinas,
Leva a canção do tropeiro.
Meu coração está deserto,
‘Stá deserto o mundo inteiro.
Quem viu a minha senhora
Dona do meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

64

Ela foi-se ao pôr da tarde
Como as gaivotas do rio.
Como os orvalhos que descem
Da noite num beijo frio,
O cauã canta bem triste,
Mais triste é meu coração.

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

E eu disse: a Senhora volta
Com as flores da sapucaia.
Veio o tempo, trouxe as flores,
Foi o tempo, a flor desmaia.
Colhereira, que além voas,

Onde está meu coração?
Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Não quero mais esta vida,
Não quero mais esta terra.
Vou procurá-la bem longe,
Lá para as bandas da serra.
Ai! triste que eu sou escravo!
Que vale ter coração?
Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

SÚPLICA

*Le nègre, marqué au signe de Dieu comme vous
passera désormais du berceau à la fosse,
la nuit sur son âme, la nuit sur la figure.*

Pelletan

Senhor Deus, dá que a boca da inocência
Possa ao menos sorrir,
Como a flor da granada abrindo as pétalas
Da alvorada ao surgir.

Dá que um dedo de mãe aponte ao filho
O caminho dos céus,
E seus lábios derramem como pérolas
Dois nomes — filho e Deus.

Que a donzela não manche em leito impuro
A grinalda do amor.
Que a honra não se compre ao carnicheiro
Que se chama senhor.

Dá que o brio não cortem como o cardo
Filho do coração.
Nem o chicote acorde o pobre escravo
A cada aspiração.

Insultam e desprezam da velhice

A coroa de cãs.

Ante os olhos do irmão em prostitutas

Transformam-se as irmãs.

A esposa é bela... Um dia o pobre escravo

Solitário acordou;

E o vício quebra e ri do nó perpétuo

Que a mão de Deus atou.

Do abismo em pego, de desonra em crime

Rola o mísero a sós.

Da lei sangrento o braço rasga as vísceras

Como o *abutre feroz*.

Vê!... A inocência, o amor, o brio, a honra,

E o velho no balcão.

Do berço à sepultura a infâmia escrita...

Senhor Deus! Compaixão!...

O VIDENTE

Virá o dia da felicidade e justiça para todos.

Isaías

68

Às vezes quando, à tarde, nas tardes brasileiras,
A cisma e a sombra descem das altas cordilheiras;
Quando a viola acorda na choça o sertanejo
E a linda lavadeira cantando deixa o brejo,
E a noite — a freira santa — no órgão das florestas
Um salmo preludia nos troncos, nas giestas;
Se acaso solitário passo pelas *picadas*,
Que torcem-se escamosas nas lapas escarpadas,
Encosto sobre as pedras a minha carabina,
Junto a meu cão, que dorme nas sarças da colina,
E, como uma harpa eólia entregue ao tom dos ventos,
— Estranhas melodias, estranhos pensamentos,
Vibram-me as cordas d'alma enquanto absorto cismo,
Senhor! Vendo tua sombra curvada sobre o abismo,
Colher a prece alada, o canto que esvoaça
E a lágrima que orvalha o lírio da desgraça,
Então, num santo êxtase, escuto a terra e os céus.
E o vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

Ouçó o cantar dos astros no mar do firmamento;
No mar das matas virgens ouçó o cantar do vento,
Aromas que s'elevam, raios de luz que descem,

Estrelas que despontam, gritos que se esvaecem,
Tudo me traz um canto de imensa poesia,
Como a primícia santa da *grande profecia*;
Tudo me diz que o Eterno, na idade prometida,
Há de beijar na face a terra arrependida.
E, desse beijo santo, desse ósculo sublime
Que lava a iniquidade, a escravidão e o crime,
Hão de nascer virentes nos campos das idades,
Amores, esperanças, glórias e liberdades!
Então, num santo êxtase, escuto a terra e os céus,
O vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

E, ouvindo nos espaços as louras utopias
Do futuro cantarem as doces melodias,
Dos povos, das idades, a nova promessa...
Me arrasta ao infinito a águia da inspiração...
Então me arrojando ousado das eras através,
Deixando estrelas, séculos, volverem-se a meus pés...
Porque em minh'alma sinto ferver enorme grito,
Ante o estupendo quadro das telas do infinito...
Que faz que, em santo êxtase, eu veja a terra e os céus,
E o vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!
Eu vejo a terra livre... como outra Madalena,
Banhando a fronte pura na viração serena,
Da urna do crepúsculo, verter nos céus azuis
Perfumes, luzes, preces, curvada aos pés da cruz...
No mundo — tenda imensa da humanidade inteira —

Que o espaço tem por teto, o sol tem por lareira,
Feliz se aquece unida a universal família.
Oh! Dia sacrossanto em que a justiça brilha,
Eu vejo em ti das ruínas vetustas do passado,
O velho sacerdote augusto e venerado
Colher a parasita — a santa flor — o culto,
Como o coral brilhante do mar na vasa oculto.
Não mais inunda o templo a vil superstição;
A fé — a pomba mística — e a águia da razão,
Unidas se levantam do vale escuro d'alma,
Ao ninho do infinito voando em noite calma.
Mudou-se o férreo cetro, esse aguilhão dos povos,
Na verga do profeta coberta de renovos.

70

E o velho cadafalso horrendo e corcovado,
Ao poste das idades por irrisão ligado
Parece embalde tenta cobrir com as mãos a fronte,
— Abutre que esqueceu que o sol vem no horizonte.
Vede: as crianças louras aprendem no Evangelho
A letra que comenta algum sublime velho,
Em toda a fronte há luzes, em todo o peito amores,
Em todo o céu estrelas, em todo o campo flores...
E, enquanto, sob as vinhas, a ingênua camponesa
Enlaça às negras tranças a rosa da devesa;
Dos Saaras africanos, dos gelos da Sibéria,
Do Cáucaso, dos campos dessa infeliz Ibéria,
Dos mármoreos lascados da terra santa homérica,

Dos pampas, das savanas desta soberba América
Prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!
E, ao canto dos obreiros, na orquestra audaz
do malho,
O ruído se mistura da imprensa, das ideias,
Todos da liberdade forjando as epopeias,
Todos co'as mãos calosas, todos banhando a frente
Ao sol da independência que irrompe no horizonte.

Oh! Escutai! Ao longe vago rumor se eleva
Como o trovão que ouviu-se quando na escura treva,
O braço onipotente rolou Satã maldito.
É outro condenado ao raio do infinito,
É o retumbar por terra desses impuros paços,
Desses serralhos negros, desses Egeus devassos,
Saturnos de granito, feitos de sangue e ossos...
Que bebem a existência do povo nos destroços...

Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário,
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!
Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira;
São livres os escravos... quero empunhar a lira,

Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
Às harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!

Mas, ai! Longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
“Que pensas, moço triste? Que sonhas tu, poeta?”
Então curvo a cabeça de raios carregada,
E, atando brônzea corda à lira amargurada,
O canto de agonia arrojo à terra, aos céus,
E ao vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

A MÃE DO CATIVO

*Le Christ à Nazareth, atix jours de son enfance
Jouait avec Ia croix, symbole de sa mort;
Mère du Polonais! qu'il apprene d'avance
A combattre et braver les outrages du Sort.
Qu'il couve dans son sein sa colère et sa joie;
Qu'il ses discours prudents distillent le venin,
Comme un aime obscur que son coeur se reploie:
À terre, à deux genoux, qu'il rampe comme un nain.
Mickiewicz (A mãe polaca)*

I

Ó mãe do cativo! Que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo! Que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes nest'alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria!

II

Ó Mãe! Não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem termo
P'ra qu'há de sondá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho — desonra, misérias,
A vida nos crimes — a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio réptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látego vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no *tronco*...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.

Criança — não trema dos transes de um mártir!
Mancebo — não sonhe delírios de amor!
Marido — que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio *senhor*!...

São estes os cantos que debes na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.
Ó Mãe que balanças a rede selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

FÁBULA O PÁSSARO E A FLOR

Era num dia sombrio
Quando um pássaro erradio
Veio parar num jardim.
Aí fitando uma rosa,
Sua voz triste e saudosa,
Pôs-se a improvisar assim.

“Ó Rosa, ó Rosa bonita!
Ó Sultana favorita
Deste serralho de azul:
Flor que vives num palácio,
Como as princesas de Lácio,
Como as filhas de ‘Stambul.

Como és feliz! Quanto eu dera
Pela eterna primavera
Que o teu castelo contém...
Sob o cristal abrigada,
Tu nem sentes a geada
Que passa raivosa além.

Junto às estátuas de pedra
Tua vida cresce, medra,
Ao fumo dos *narguilés*,

No largo vaso da China
Da porcelana mais fina
Que vem do Império Chinês.

O Inverno ladra na rua,
Enquanto adormeces nua
Na *estufa* até de manhã.
Por escrava — tens a aragem
O sol — é teu louro pajem.
Tu és dele — a castelã.

Enquanto que eu desgraçado,
Pelas chuvas ensopado,
Levo o tempo a viajar,
— Boêmio da média idade,
Vou do castelo à cidade,
Vou do mosteiro ao solar!

Meu *capote* roto e pobre
Mal os meus ombros encobre
Quanto à *gorra*... tu bem vês!...
Ai! Meu Deus! Se Rosa fora
Como eu zombaria agora
Dos louros dos menestréis!...”

Então por entre a folhagem
Ao passarinho selvagem
A rosa assim respondeu:
“Cala-te, bardo dos bosques!
Ai! Não troques os quiosques
Pela cúpula do céu.

Tu não sabes que delírios
Sofrem as rosas e os lírios
Nesta dourada prisão.
Sem falar com as violetas,
Sem beijar as borboletas,
Sem as auras do sertão.

78

Molha-te a fria geada...
Que importa? A loura alvorada
Virá beijar-te amanhã.
Poeta, romperás logo,
A cada beijo de fogo,
Na cantilena louça.

Mas eu?!... Nas salas brilhantes
Entre as tranças deslumbrantes
A virgem me enlaçará...
Depois... cadáver de rosa...
A valsa vertiginosa
Por sobre mim rolará.

Vai, Poeta... Rompe os ares
Cruza a serra, o vale, os mares
Deus ao chão não te amarrou!
Eu calo-me — tu descantas,
Eu rojo — tu te levantas,
Tu és livre — escrava eu sou!...

ESTROFES DO SOLITÁRIO

Basta de covardia! A hora soa...
Voz ignota e fatídica ressoa,
 Que vem. Donde? De Deus.
A nova geração rompe da terra,
E, qual Minerva armada para a guerra,
 Pega a espada. Olha os céus.

Sim, de longe, das raias do futuro,
Parte um grito, p'ra os homens — surdo, obscuro,
 Mas para os moços, não!
É que, em meio das lutas da cidade,
Não ouvem o clarim da Eternidade,
 Que troa n'amplidão!

Quando as praias se ocultam na neblina,
E como a garça, abrindo a asa latina,
 Corre a barca no mar,
Se então sem freios se despenha o norte,
É impossível — parar. Volver — é morte...
 Só lhe resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tirania é o tremedal das plagas,
O porvir — a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta

É o furor da mais lóbrega tormenta.
— Ruge a revolução.

E vós cruzais os braços... Covardia!
E murmurais com fera hipocrisia:
— É preciso esperar...
Esperar? Mas o quê? Que a populaça,
Este vento que os tronos despedaça,
Venha abismos cavar?

Ou quereis, como o sátrapa arrogante,
Que o porvir, n'antessala, espere o instante
Em que o deixeis subir?!
Oh! Parai a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o condor, os elementos.
Porém nunca o porvir!

Meu Deus! Da negra lenda que se escreve
Co'o sangue de um Luís, no chão da Grève,
Não resta mais um som!...
Em vão nos deste, p'ra maior lembrança,
Do mundo — a Europa, mas da Europa — a França.
Mas da França — um Bourbon!

Desvario das fronte coroadas!
Na página das púrpuras rasgadas
Ninguém mais estudou!

E, no sulco do tempo, embalde dorme
A cabeça dos reis — semente enorme
Que a multidão plantou!...

No entanto fora belo nesta idade
Desfraldar o estandarte da igualdade,
De Byron ser o irmão...
E pródigo — a esta Grécia brasileira,
Legar no testamento — uma bandeira,
E ao mundo — uma nação.

Soltar ao vento a inspiração de Graco
Envolver-se no manto de Spartaco,
Dos servos entre a grei;
Lincoln — o Lázaro acordar de novo,
E da tumba da infamia erguer um povo,
Fazer de um verme — um rei!

Depois morrer — que a vida está completa,
— Rei ou tribuno, César ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta escutar, do fundo lá da cova,
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós.

PROMETEU

*“Ó mon auguste mère, et vous enveloppe
de la commune lumière, divin éther, voyez
quels injustes tourments on me fait souffrir. ”
Qui compatit à cette grande souffrance,
qui s’approche du rocher désert où se tord
Prométhée? Quelques pauvres filles, pieds nus.
Ésquilo*

Inda arrogante e forte, o olhar no sol cravado,
Sublime no sofrer, vencido — não domado,
Na última agonia arqueja Prometeu.
O Cáucaso é seu cepo; é seu sudário — o céu,
Como um braço de algóz, que em sangueira se nutre,
Revolve-lhe as entranhas o pescoço do abutre.
P’ra as iras lhe sustar, corta o raio a amplidão
E em correntes de luz prende, amarra o Titã.

Agonia sublime!... E ninguém nesta hora
Consola aquela dor, naquela angústia chora.
Ai! Por cúmulo de horror!... O Oriente golfa a luz,
No Olimpo brinca o amor por entre os seios nus.
De tirso em punho o bando das lúbricas bacantes,
Correm montanha e vale em danças delirantes;
E ao gigante caído... a terra e o céu (rivais!...)
Prantos lascivos dão... suor de bacanaís.

Mas não! Quando arquejante em hórrido granito
Se estorce Prometeu, gigantesco precito,
Vós, Nereidas gentis, meigas filhas do mar!
O oceano lhe trazeis... p'ra em prantos derramar...

Povo! Povo infeliz! Povo, mártir eterno,
Tu és do cativeiro o Prometeu moderno...
Enlaça-te no poste a cadeia *das Leis*,
O pescoço do abutre é o cetro dos maus reis.
Para tais dimensões, p'ra músculos tão grandes,
Era pequeno o Cáucaso... amarram-te nos Andes.

84

E enquanto, tu, Titã, sangrento arcas aí,
O século da luz olha... caminha... ri...
Mas não! Mártir divino, Encelado tombado!
Junto ao Calvário teu, por todos desprezado,
A musa do poeta irá — filha do mar —
O oceano de sua alma... em cantos derramar...

VOZES D'ÁFRICA

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito.
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
 Infinito galé!...
Por abutre — me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
 E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
 Dos *haréns* do Sultão.

Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda — tem os cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais.
A brisa de Maiçor o céu inflama;
E ela dorme nos templos do deus Brama,
Pagodes colossais...

A Europa — é sempre Europa, a gloriosa!
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.

86

Artista — corta o mármore de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma *c'roa*, ora o *barrete frígio*
Enflora-lhe a cerviz.
Universo após ela — doido amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio dos desertos desgarrada,
Perdida marchando em vão!

Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às pirâmides do Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
“Abriga-me, Senhor!...”

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal, que volve
O siroco feroz.
Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! Dizem: “Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz...”

Nem veem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a Esfinge colossal de pedra,
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...

Onde branqueia a caravana errante
E o camelo monótono, arquejante,
Que desce de Efraim

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?...
E que é que fiz, Senhor? Que torvo crime
Eu cometi jamais, que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

88

Foi depois do *dilúvio*... Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
“Cam!... serás meu esposo bem-amado...
Serei tua Eloá...”

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o *nômade* faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
 Filho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa arrebatada,
 — Amestrado falcão.

Cristo! Embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
 A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo,
 Eu — pasto universal.

Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor que transformara-se em abutre,
 Ave da escravidão.
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos outr'ora,
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!

Há dois mil anos eu soluço um grito.
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

SAUDAÇÃO A PALMARES

Nos altos cerros erguido
Ninho de águias atrevido,
Salve! — país do bandido!
Salve! — pátria do jaguar!
Verde serra, onde os Palmares
— Como indianos cocares —
No azul dos Colômbios ares,
Desfraldam-se em mole arfar!...

Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam,
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!

Palmares! A ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada,
Aos urrahs da marujada,

Nas ondas da escravidão!
De bravos soberbo estádio!
Das liberdades paládio,
Tomaste o punho do gládio,
E olhaste rindo p'ra o vale:
“Surgi de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de frente!”
E riste... O riso de um monte!
E a ironia de um chacal!

Cantem eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços,
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a beleza tua,
Caçadora seminua,
Em cuja perna flutua
Ruiva a pele de um tapir!

Crioula! O teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Fugidio, firme, duro,
Guardaste-o p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob a ramagem,
As vozes, que traz a aragem,
Do teu rijo caçador!...

Salve! — Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
— Aos urros da cachoeira —
Sabes bater e lutar.
Salve! — nos cerros erguido —
Ninho, onde em sono atrevido,
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade... e o jaguar!

SOBRE O AUTOR

Castro Alves

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em Muritiba, Bahia, em 1847. Passou parte de sua infância na fazenda das Cabaceiras, perto da vila de Curralinhos. Em 1854, mudou-se com a família para a capital Salvador, onde frequentou o Colégio Sebrão e o Ginásio Baiano.

Em 1862, parte com o irmão para Recife, capital de Pernambuco, e, em 1864, ingressou na Faculdade de Direito, onde cursou o primeiro ano do curso. Logo integrado à vida cultural e literária da cidade, passou a escrever, recitar e publicar poemas. Nesse período, conheceu a atriz, autora e poeta portuguesa Eugênia Câmara, com quem iniciou um relacionamento amoroso.

À época, o Brasil vivia o segundo reinado de Dom Pedro II (1840-1889), em um contexto no qual os ideais abolicionistas e republicanos circulavam fervorosamente na capital pernambucana. Em 1866, junto com Rui Barbosa e outros colegas, fundou uma sociedade abolicionista, temática essa que permeou boa parte de sua produção literária. Durante esse período, finalizou o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, peça encenada no Teatro São João, em Salvador.

Em 1868, mudou-se com Eugênia para o Rio de Janeiro, onde foi apresentado aos escritores José de

Alencar e Machado de Assis. Em seguida, o casal partiu para São Paulo, e Castro Alves matriculou-se no terceiro ano de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco. Ainda neste ano, foi encenada a primeira apresentação pública de “Tragédia no mar”, poema mais tarde intitulado “O navio negreiro”.

No mesmo ano, separou-se de Eugênia e feriu o pé acidentalmente com um tiro durante uma caçada. Um ano depois, teve o pé amputado e, abatido pela separação e acometido pela tuberculose, decidiu retornar a Salvador para viver na fazenda Curralinho. Em 1870, lançou *Espumas flutuantes*, único livro do autor divulgado ainda em vida.

Tomado pela tuberculose, Castro Alves produziu diversos poemas, alguns deles que integrariam mais tarde *Os escravos*, série de poesias em torno do tema da escravidão e da abolição, e *A cachoeira de Paulo Afonso*, lançado postumamente em 1876, que, segundo o poeta, seria a continuação de *Os escravos*, sob título de *Manuscritos de Stênio*. Faleceu em 1871, aos 24 anos, em Salvador.

Castro Alves viveu e lançou suas obras em meio a um período de levantes sociais, agitações políticas e efervescência cultural no Brasil do século XIX. O envolvimento do poeta com a causa abolicionista foi intenso, sendo que compôs diversos poemas dedicados à denúncia da situação das pessoas escravizadas no país.

A abolição da escravidão foi oficializada no Brasil pela Lei Áurea apenas em 1888, mas foi o resultado de diversos fatores e esforços anteriores a essa data. A força do movimento abolicionista é resultado da luta de nomes como Maria Firmina dos Reis, Adelina, André Rebouças, Luís Gama, José do Patrocínio, Castro Alves e outros.

As diversas revoltas das pessoas escravizadas e a resistência nos quilombos também desempenharam papel fundamental no caminho para o fim do regime escravagista, à medida que reivindicavam a liberdade.

Em outros casos, membros da elite econômica sentiram-se pressionados por países como Inglaterra e Estados Unidos, que viam vantagens em obter mercados consumidores para seus produtos a partir da abolição.

Entre 1850 e 1888, foram aprovadas algumas leis abolicionistas que acompanharam a luta pela abolição da escravidão no país. Essas leis incluíam a Bill Aberdeen, de 1845, que autorizava os britânicos a prender navios suspeitos de traficar escravos no Oceano Atlântico; a Lei Eusébio de Queirós, de 1850, que proibia o tráfico de mão de obra escrava no Brasil; a Lei do Ventre Livre, que decretava que todos os nascidos no Brasil a partir de 1871 seriam considerados livres; e a Lei dos Sexagenários, de 1885, que decretava que todas as pessoas escravizadas com 60 anos ou mais seriam libertos.

A Lei Áurea, assinada em 13 de maio 1888, no entanto, não foi acompanhada por medidas efetivas para garantir a plena integração e cidadania das pessoas ex-escravizadas na sociedade. A falta de acesso à terra, à educação, a oportunidades, entre outros fatores, deixou a população negra em desvantagem e contribuiu para a perpetuação da desigualdade. O racismo estrutural e a discriminação persistem até os dias atuais, o que torna o 13 de Maio um dia para reforçar a luta contínua contra o racismo.

No contexto do abolicionismo, dos levantes sociais, da circulação de ideias republicanas e da perda da popularidade do imperador Dom Pedro II, entre outras questões, emergiu no Brasil o movimento artístico-literário do romantismo. Nesse movimento, textos poéticos, teatrais e romances refletiam questões sociais, políticas e individuais por meio da expressão artística.

Na linguagem, o romantismo rompeu com a escrita clássica, que priorizava a busca pela perfeição e pela arte erudita. Em vez disso, buscou trazer uma linguagem mais informal e regionalista, desprovida de versos com rimas e métricas tradicionais. Adotou também uma abordagem subjetiva ao focar no sentimento e na emoção do autor, resultando em um sentimentalismo exacerbado ao valorizar as emoções pessoais, em contraste com o pensamento racional e objetivo.

O romantismo brasileiro pode ser dividido em três fases ou gerações:

1ª geração: a partir da Independência do Brasil, autoridades e determinados grupos pertencentes à elite da época passam a trabalhar na ideia de criação de uma identidade nacional, na tentativa de forjarem um imaginário nacional e do que seria a nação brasileira. Assim, algumas obras apresentam o predomínio do nacionalismo, da exaltação da natureza do país, da figura do indígena e de valores religiosos do catolicismo.

2ª geração: dada à ruptura com o idealismo exacerbado, esta foi uma geração pontuada pela exacerbação da subjetividade, com obras contendo características como pessimismo, exaltação da morte e fuga da realidade. É conhecida também como a fase do “Mal do século” ou “Ultrarromântica”.

3ª geração: teve como referência e símbolo a liberdade, foi marcada por uma filosofia libertária e por temas sociais, sendo o principal deles o abolicionismo.

A campanha abolicionista se fortaleceu na segunda metade do século XIX e seus ideais passaram a render obras e ações por parte dos círculos de intelectuais, associações, jornais e pessoas que auxiliavam na fuga de pessoas escravizadas.

A partir de 1860, a linguagem mais voltada para o “eu”, típica das primeiras gerações do romantismo, começou a dar lugar para temas sociais como liberdade e justiça, principalmente em relação às pessoas escravizadas e às questões republicanas, como foi o caso da terceira geração do romantismo no Brasil. Alguns exemplos são as obras de Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Pedro Luís, Pedro de Calasãs, Tobias Barreto, Castro Alves, entre outras.

A poesia da terceira geração do romantismo passou a ser conhecida como “condoreira” – termo relacionado ao condor-dos-andes, pássaro que representava a liberdade na América; e “hugoana”, referência ao escritor francês Victor Hugo, autor de obras do romantismo francês, com forte cunho social que envolvia a temática da liberdade, como no romance *Os miseráveis* (1862).

Além da publicação em livros, os poetas condoreiros costumavam divulgar seus poemas em praças públicas, teatros, bailes, saraus, associações estudantis e em jornais impressos, para que atingissem uma variedade de leitores e fomentassem debates em diversos círculos. Dessa forma, se utilizavam da poesia para divulgar suas ideias e críticas à realidade social.

Alguns elementos típicos dos poemas dessa geração eram a composição de versos próprios para serem declamados, uso de vocativos, pontos de exclamação e hipérboles. Castro Alves, Tobias Barreto e Joaquim de

Sousa Andrade foram alguns dos nomes que compuseram esse grupo.

A obra de Castro Alves costuma ser dividida entre poemas lírico-amorosos e de cunho social e abolicionista. Apesar da amplitude de assuntos que trata no conjunto de sua obra, o seu tema principal é o abolicionismo, cujos versos refletem sua indignação e ânsia por justiça em relação à trágica e desumana situação das pessoas escravizadas no Brasil.

O NAVIO NEGREIRO E OUTROS POEMAS

TEMAS

O navio negreiro e outros poemas traz textos da obra *Os escravos*, de Castro Alves, publicada em 1883, após a morte do poeta, e “O navio negreiro”, que foi escolhido para abrir o livro.

Castro Alves foi um defensor ativo da abolição da escravidão. Muitos de seus poemas retratam de forma vívida as condições trágicas e desumanas enfrentadas pelas pessoas escravizadas no Brasil durante os séculos XVI a XIX. Ao longo de sua obra, o autor denuncia a crueldade do sistema escravagista e as terríveis consequências das violências praticadas contra as pessoas oriundas de diversos povos africanos que foram capturadas em suas terras natais na África, privadas de sua liberdade e autonomia, e forçadas a trabalhar nos setores da agricultura, mineração, em serviços domésticos e urbanos no Brasil.

Sob condições precárias e perigosas, as pessoas submetidas à escravidão enfrentavam uma travessia da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros, muitas vezes não sobrevivendo.

O primeiro poema, intitulado “O navio negreiro” com o subtítulo de “Tragédia no mar”, foi escrito em

1868. Ele é dividido em seis partes e descreve o cenário de sofrimento dos africanos submetidos ao regime de escravidão, que estão a bordo de um navio negreiro em direção ao Brasil. O eu lírico do poema destaca a gravidade desse sistema cruel e vergonhoso.

A parte I é iniciada com a visão do mar, e o autor utiliza a primeira pessoa do plural para aproximar os leitores ao eu lírico. Após enaltecer aspectos da natureza, o eu lírico passa a se questionar sobre a origem e o destino do navio, enquanto pede ao albatroz, um pássaro que voa sobre o mar, que empreste suas asas para descobrir o que se passa a bordo do navio.

102

*Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro.
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...
[...]*

(O navio negreiro, p. 8)

*[...]
Donde vem? Onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.
[...]*

(O navio negreiro, p. 8-9)

[...]

Por que foges assim, barco ligeiro?

Por que foges do pávido poeta?

Oh! Quem me dera acompanhar a esteira

Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! Águia do oceano,

Tu que dormes das nuvens entre as gazas,

Sacode as penas, Leviatã do espaço,

Albatroz! Albatroz! Dá-me estas asas.

[...]

(O navio negreiro, p. 9-10)

Na parte II, o eu lírico reflete sobre a origem do navio e as possíveis nacionalidades dos marinheiros a bordo, como espanhóis, italianos, ingleses, franceses, gregos.

103

[...]

Do Espanhol as cantilenas

Requebradas de langor,

[...]

Da Itália o filho indolente

Canta Veneza dormente,

[...]

O Inglês — marinheiro frio

Que ao nascer no mar se achou,

[...]

O Francês — predestinado —

Canta os louros do passado

[...]

Os marinheiros Helenos,

Que a vaga jônia criou

(O navio negreiro, p. 10-11)

Na parte III, inicia-se a descrição das atrocidades cometidas dentro do navio, um “quadro de amarguras” e “cena infame e vil”, como evocam algumas das passagens, acompanhadas de exclamações.

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!

Desce mais... inda mais... não pode olhar humano

Como o teu mergulhar no brigue voador!

104

Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!

É canto funeral!... Que tétricas figuras!...

Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus!

Que horror!

(O navio negreiro, p. 11-12)

Na parte IV, são contados os horrores cometidos no porão do navio, que carregava pessoas oriundas dos mais diversos povos da África e que lá estavam privadas de sua liberdade, acorrentadas, famintas, subnutridas, acompanhadas de gritos de dor, choros de raiva e de indignação.

[...]

*Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!*

[...]

(O navio negreiro, p. 13)

Na parte V, é feito um contraste entre a liberdade do passado e a situação de escravidão do presente. Os versos rememoram algumas paisagens naturais da África e quem eram as pessoas a bordo do navio, “filhos do deserto”, “guerreiros ousados”, mas que agora são “miseráveis escravos”, que enfrentaram “a fome, o cansaço e a sede”. Esse contraste é um dos temas principais do poema, pois destaca a brutalidade e a tragédia do sistema escravagista.

105

[...]

*São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseráveis escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...*

[...]

(O navio negreiro, p. 14-15)

Na parte VI e última do poema, é feita uma dura crítica ao Brasil, responsável por manter o regime da escravidão e a violência sistêmica associada e advinda dele. O poema denuncia a responsabilidade do país em manter a escravidão e explora as consequências desumanas desse sistema.

*Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...
(O navio negreiro, p. 17)*

106

Castro Alves usa a poesia como forma de crítica social e de apelo para defender a abolição da escravatura. O tema acompanha os poemas do livro, como em “Vozes d’África”, escrito em 1868, onde é apresentado em forma de súplica à justiça divina e à consciência humana para acabar com a escravidão.

*Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes
Embuçado nos céus?*

*Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito.
Onde estás, Senhor Deus?...*
[...]

(Vozes d'África, p. 85)

[...]
*Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos outr'ora,
Venderam seu irmão.
Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito.
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...*

(Vozes d'África, p. 89-90)

107

CONTEXTO HISTÓRICO

Os poemas contidos na obra foram compostos por Castro Alves na segunda metade do século XIX, momento de significativas mudanças sociais, agitações políticas e efervescência cultural no Brasil, durante o Segundo Reinado sob o comando de Dom Pedro II.

O poeta fez parte da terceira geração do romantismo, também conhecida como o condoreirismo, movimento artístico-cultural em voga nessa época. A causa abolicionista e os ideais de liberdade e igualdade são temas centrais nos poemas dos condoreiros.

LINGUAGEM

Castro Alves se utiliza de uma linguagem na qual apresenta uso de hipérboles, vocativos e exclamações, para denotar emoção e intensidade e enfatizar as imagens evocadas nos textos. Esses são elementos característicos das poesias condoreira, geralmente escrita com a intenção de ser declamada e de enfatizar as imagens líricas que compõem o poema.

108

[...]

E o povo é como a barca em plenas vagas,

A tirania é o tremedal das plagas,

O porvir — a amplidão.

Homens! Esta lufada que rebenta

É o furor da mais lóbrega tormenta.

— Ruge a revolução.

[...]

(Estrofes do solitário, p. 80-82)

O uso de metáforas, anáforas, comparações e personificações são também recursos dos quais o poeta se utiliza para construir seus poemas. Em “O navio negreiro”, a metáfora é uma forma do eu lírico descrever o cenário de desolação e horror ao qual os africanos escravizados estavam submetidos. O tombadilho (convés) é comparado a um sonho dantesco, referência às cenas de terror descritas n’*A divina comédia*, de Dante Alighieri (século XIV).

[...]

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho,

Em sangue a se banhar.

[...]

(O navio negreiro, p. 12)

109

IMAGENS LÍRICAS

Ao longo dos poemas, Castro Alves utiliza diversos espaços para transportar o leitor ao cenário desumano ao qual a população escravizada era submetida e para defender ideais de liberdade e igualdade.

Em “O navio negreiro”, ele evoca a imagem do alto-mar e do interior do navio, que navegava do continente africano rumo ao Brasil, transportando pessoas para trabalharem como mão-de-obra escrava no país de destino.

Na parte I, o eu lírico estabelece o cenário marítimo onde serão transcorridas as ações da tragédia que será revelada nos versos seguintes:

[...]

*‘Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...*

[...]

(O navio negreiro, p. 8)

110

A partir da parte IV, o eu lírico volta-se para a situação de dentro do navio, ao passo que o cenário é comparado a um “sonho dantesco”, com pavilhões manchados de sangue e pessoas sendo mantidas em correntes e submetidas a açoites, tudo isso em meio à dor e ao desespero.

*Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!*

(O navio negreiro, p. 13)

Em “Ao romper d’alva”, outro poema da obra, são evocados alguns cenários naturais, que em princípio dão a ideia da natureza como refúgio e lugar de harmonia. A natureza no Brasil, referido como “Terra de Santa Cruz”, é exaltada com grandiosidade, junto com a ideia de liberdade:

*Terra de Santa Cruz, sublime verso
Da epopeia gigante do universo,
Da imensa criação.
Com tuas matas, ciclopes de verdura,
Onde o jaguar, que passa na espessura,
Roja as folhas no chão;
[...]
Livre o tropeiro toca o lote e canta
A lânguida cantiga com que espanta
A saudade, a aflição.
[...]*

(Ao romper d’alva, p. 26)

Já nas últimas estrofes, o eu lírico se mostra incrédulo a respeito da real situação que ocorre, e a evocação da natureza em harmonia dá lugar ao canto com apelo ao divino e a referências à barbárie advinda da violência do sistema escravocrata.

[...]

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria

Erguer-se neste século, à luz do dia.

Sem pejo se ostentar.

E a escravidão — nojento crocodilo

Da onda turva expulso lá do Nilo —

Vir aqui se abrigar!

(Ao romper d'alva, p. 27)

Para além das imagens que remetem a espaços físicos, diversas são as figuras humanas evocadas pelo eu lírico de Castro Alves, muitas das quais envolvidas em temas como da abolição da escravatura, luta pela liberdade, entre outras questões sociais.

112

Em “O navio negreiro” e em boa parte dos poemas da obra, as pessoas escravizadas frequentemente adquirem papéis centrais. O autor os retrata de maneira a destacar o sofrimento e a brutalidade do sistema escravagista e a violência praticada nos mais diversos níveis.

Além das figuras humanas, Castro Alves também faz uso de elementos simbólicos e não simbólicos para tratar de temas como liberdade e justiça. Elementos da natureza, ações e imagens simbólicas são utilizadas para provocar reflexões sobre a necessidade da abolição da escravatura e a busca por igualdade e justiça na sociedade.

O NAVIO NEGREIRO E OUTROS POEMAS

Esta coletânea reúne alguns dos principais poemas do poeta brasileiro Castro Alves, que se dedicou à causa abolicionista e à denúncia do sistema escravagista no Brasil do século XIX. “O navio negreiro” e os outros poemas que compõem este livro refletem a visão do poeta sobre os horrores da escravidão e a busca por liberdade.

Objeto



9 786598 483371